



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Dietrich, Luiz José
Monoteísmo, diversidades e Direitos Humanos
Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 6, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014,
pp. 773-794
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba-PR, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449748254003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Monoteísmo, diversidades e Direitos Humanos

Monotheism, diversity and Human Rights

Luiz José Dietrich

Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: luizdietrich@ig.com.br

Resumo

Este texto relaciona as raízes de muitas atitudes de discriminação e violência, condutas de desrespeito aos Direitos Humanos praticadas na atualidade, às violências cometidas em nome de Deus no processo de instituição do monoteísmo no Antigo Testamento. Aborda o fato paradoxal de as tradições judaico-cristãs serem ao mesmo tempo um dos principais fundamentos das modernas concepções dos Direitos Humanos e também fornecerem as justificativas para atitudes de intolerância, violência e restrições e supressão dos direitos humanos nos nossos dias. Ao contextualizar tal processo na história de Israel, demonstrando a vinculação de tais teologias com determinados sujeitos sociais e seus interesses, busca-se apontar caminhos para releituras e compreensões libertadoras que possam promover o respeito e a ampliação de nossa noção de direitos humanos.

Palavras-chave: Monoteísmo. Diversidade. Discriminação religiosa. Violência em nome de Deus. Bíblia e Direitos Humanos.

Abstract

This text associates the roots of many attitudes of discrimination and violence, evidences of the disrespect of Human Rights practiced nowadays, to the violence committed in the name of God in the process of establishing of monotheism in the Old Testament. The present work addresses the paradoxical fact that Judeo-Christian traditions are at the same time one of the main foundations of modern conceptions of Human Rights and also the motivation for attitudes of intolerance, violence, restrictions and the suppression of human rights in our days. As we contextualize this process in face of the history of Israel, while demonstrating the binding of such theologies with certain social groups and their interests, we aim at pointing the basis for liberating understandings that could promote respect and the expansion of our concept of human rights.

Keywords: *Monotheism. Diversity. Religious discrimination. Violence in the name of God. The Bible and Human Rights.*

Introdução

Este texto aborda a relação entre o monoteísmo presente em alguns textos do Antigo Testamento/Bíblia Hebraica e atos de discriminação, intolerância, violência e desrespeito aos Direitos Humanos, praticados em nome de Deus nos dias de hoje.

Embora a moderna noção de Direitos Humanos tenha como um de seus fundamentos “a religião judeu-cristã” (SWIDLER, 1990), paradoxalmente muitas passagens dessa parte da Bíblia são marcadas por ações e atitudes intolerantes, discriminatórias e violentas. Estudos estão revelando que esses trechos estão relacionados ao processo de instituição do monoteísmo em Israel. Porém, as consequências de tais passagens bíblicas vão muito além das páginas e do contexto da Bíblia. Ao longo da história e até os dias de hoje elas têm inspirado teologias e atitudes geralmente classificadas como “fundamentalismo religioso”. Fundamentalismo e intolerância religiosa constituem um dos principais desafios da sociedade atual (DIAS, 2009; PACE; STEFANI, 2002), marcada pela eclosão

das diversidades: diversidade cultural, diversidade religiosa, diversidade de opções/orientações sexuais, entre outras (SILVA, 2009). A irrupção das diversidades clama pela ampliação da noção dos Direitos Humanos. Os Direitos Humanos se tornam campo de disputas, e no centro dessas disputas, com muita frequência, encontramos instituições e sujeitos fundados em religiões monoteístas, sua concepção de Deus, seus livros sagrados. Recorre-se à religião, a Deus e aos livros sagrados para justificar atitudes discriminatórias, excludentes e violentas frente ao outro e à outra. Esses atos podem ser perpetrados contra pessoas, comunidades e povos inteiros. Vão desde atos de discriminação, ataques e processos de demonização e atos de violência armada contra povos de culturas e religiões diferentes, até exclusão e agressões violentas contra pessoas com opções/orientações sexuais homoafetivas.

As pesquisas, análises e reflexões até aqui realizadas, na maioria das vezes, buscam as raízes desses fenômenos nos desenvolvimentos históricos das religiões dentro das quais tais concepções teológicas são produzidas. São abordagens de cunho mais filosófico-teológico (OLIVEIRA; PAIVA, 2010; BINGEMER, 2008; REIMER, 2011). Outras, mais recentemente, tratam também da presença, da gênese e do processo constitutivo de instituições e teologias que podem estimular ou justificar atos de discriminação e violência já nos primórdios destas religiões ou no processo de elaboração de seus textos sagrados (FÜRST, 2009). Dentre as pesquisas que estudam os textos violentos nos livros bíblicos algumas seguem métodos sincrônicos, em que o texto é tomado na forma como se apresenta na Bíblia, tendo o leitor de hoje mais importância que o autor na construção do sentido do texto (O'BRIEN, 2001). Outras adotam métodos diacrônicos, para os quais antes de aplicar o texto para os contextos atuais o leitor é desafiado a considerar a situação da qual o texto emerge e as funções que nela desempenham (DIETRICH, 2012; REIMER, 2009; ZENGER, 2009).

De fato, a Bíblia contém muitos textos que explicitamente incitam e comandam atos de violência, discriminação e exclusão em nome de Deus, aos quais ainda hoje se recorre para justificar atitudes e atos semelhantes. Em seguida estão relacionados alguns versículos bíblicos em que estes aspectos saltam aos olhos:

O meu anjo irá diante de ti, e te levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus, e eu os exterminarei. Não adorarás os seus Deuses nem os servirás; não farás o que eles fazem, mas destruirás totalmente os seus Deuses e esmigalharás completamente as suas colunas sagradas [...] Não farás aliança nenhuma com eles, nem com os seus Deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim, pois se servirdes aos seus Deuses, isso te será uma cilada (Ex 23,23-24.32-33)¹.

Moisés ficou de pé no meio do acampamento e exclamou: “Quem for de Javé venha até mim!” Todos os filhos de Levi reuniram-se em torno dele. Ele lhes disse: “Assim fala Javé, o Deus de Israel: Cingi, cada um de vós, a sua espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual a seu irmão, a seu amigo, a seu parente.” Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens. Hoje recebestes a investidura para Javé, cada qual contra o seu filho e o seu irmão, para que ele vos conceda hoje a benção (Ex 32,26-29).

[...] O povo se entregou à prostituição com as filhas de Moab. Estas convidaram o povo para o sacrifício aos Deuses delas, e o povo comeu e prostrou-se diante dos Deuses delas. Israel então se comprometeu com Baal de Fegor, a ira de Javé se inflamou contra Israel. Javé disse a Moisés: “Toma todos os chefes do povo. Empala-os em face ao sol, para Javé; então a ira ardente de Javé se afastará de Israel.” Moisés disse aos juízes de Israel: Mate cada um aquele dos seus homens que se comprometeram ao Baal de Fegor. Eis que chegou um homem dos israelitas, trazendo para junto de seus irmãos esta madianita [...] vendo isso Finéias [...] filho de Aarão, o sacerdote, levantou-se [...] tomou uma lança, seguiu o israelita até à tenda-santuário e transpassou os dois, o homem de Israel e a mulher, na tenda-santuário dela. E a praga que feria os israelitas cessou. E morreram dentre eles vinte e quatro mil [...] Javé falou a Moisés e disse: “Finéias [...] filho de Aarão, o sacerdote [...] foi possuído pelo mesmo zelo que eu, por isso, no meu zelo, não destruí os israelitas. Por essa razão eu afirmo: Dou-lhe

¹ As citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram retiradas da Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002, porém com uma alteração: usou-se a letra maiúscula também para escrever o nome das divindades condenadas. Usar letras maiúsculas quando nos referimos à divindade em que nós cremos, e usar minúsculas para referir-se a outras divindades, ou divindades de outros povos, não é já uma primeira forma de desrespeito aos direitos humanos, um dos primeiros sinais das violências religiosas abordadas neste artigo?

minha aliança de paz. Será para ele e para sua descendência depois dele uma aliança que lhe garantirá o sacerdócio perpétuo [...]” (Nm 25,1-13).

Quando Javé teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado nações mais poderosas do que tu — os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus —, sete nações mais numerosas e poderosas do que tu, quando Javé teu Deus entrega-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não farás aliança com elas e não as tratarás com piedade. Não contrairás matrimônio com elas, não darás tua filha a um de seus filhos, nem tomarás uma de suas filhas para teu filho; pois desse modo o teu filho se afastará de mim para servir a outros Deuses, e a cólera de Javé se inflamaria contra vós, exterminando-te rapidamente. Eis como deveis trata-los: demolir seus altares, despedaçar suas colunas sagradas, cortar seus postes sagrados, e queimar seus ídolos. Pois tu és um povo consagrado a Javé teu Deus; foi a ti que Javé teu Deus escolheu para que pertences a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra (Dt 7,1-6).

Deveis destruir todos os lugares em que as nações que irei conquistar tinham servido aos seus Deuses, sobre os altos montes, sobre as colinas e sob toda árvore verdejante. Demolireis seus altares, despedaçareis suas colunas sagradas, queimareis seus postes sagrado e esmagareis os ídolos dos seus Deuses, fazendo com que o nome deles desapareça de tal lugar (Dt 12,2-3).

Se teu irmão — o filho do teu pai ou da tua mãe — teu filho, tua filha, ou a mulher que repousa em teu seio, ou o amigo que é como tu mesmo, quiser te seduzir secretamente, dizendo: “Vamos seguir a outros Deuses, Deuses que nem tu nem teu pai conheceram — Deuses de povos vizinhos, próximos ou distantes de ti, de uma extremidade da terra a outra”, não lhe darás consentimento, não o ouvirás, e que teu olho não tenha piedade; não uses de misericórdia e não escondas o seu erro. Pelo contrário: deverás matá-lo! Tua mão será a primeira a matá-lo, e a seguir, a mão de todo o povo. Apedreja-o até que morra, pois tentou afastar-te da mão de Javé teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão (Dt 13,7-11).

Quando entrares na terra que Javé teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. Que em teu meio não de encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo,

adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interrogue espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos, pois quem pratica essas coisas é abominável a Javé, e é por causa dessas abominações que Javé teu Deus as desalojará em teu favor (Dt 18,9-12).

“Aquele que recorrer aos necromantes e aos adivinhos para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do meio do seu povo” (Lv 20,6); “Não haverá mulher consagrada aos cultos à fertilidade entre as filhas de Israel, nem homem consagrado aos cultos da fertilidade entre os filhos de Israel” (Dt 23,18); “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 20,13, cfe. 18,22).

Frente a esses e outros textos violentos que permeiam as escrituras sagradas judaico-cristãs, frente às muitas violências e violações dos direitos humanos cometidas em nome de Deus que ainda hoje presenciamos, este texto busca estabelecer quais foram as diversas fases e contextos do processo que resultou na constituição do monoteísmo em Israel, e quais diferentes concepções teológicas fizeram parte desse processo. O texto procura apresentar a maneira como se constituíram essas diversas teologias, os diferentes sujeitos e os interesses envolvidos nesse movimento, que em Israel vai da diversidade de teologias (GERSTENBERGER, 2007) à teologia do Deus único. Neste texto, almeja-se evidenciar especialmente os diferentes graus de violência envolvidos em cada um desses passos, e as funções específicas de cada uma das diferentes concepções teológicas, seja das teologias que estavam sendo impostas pelos grupos dominantes, seja das teologias que eram discriminadas, combatidas e destruídas. Sendo motivada pela persistência dessas teologias nas atitudes de violência e intolerância religiosa praticadas na atualidade, a reflexão aqui exposta também procurará apontar pistas para leituras libertadoras desses textos. Essa reflexão visa a fornecer elementos para estimular leituras que combatam a intolerância, a discriminação e as violências feitas em nome de Deus, subsidiando, desse modo, a construção de espiritualidades e práticas que, sem abandonar sua identidade monoteísta judaico-cristã, possam superar o caráter exclusivista, homogeneizador e

intolerante embutido em muitas das formas de compreender a divindade e a vivência da fé judaico-cristã na atualidade.

Violência e libertação no processo de constituição do monoteísmo

De fato, há na Bíblia muitos textos que incitam e legitimam a violência contra religiões e contra as pessoas que nomeiam e cultuam a Deus de outros modos. Certamente esses textos levaram o renomado escritor português e ganhador de um prêmio Nobel de literatura José Saramago a dizer que “a Bíblia é um catálogo de maus costumes”, apresenta um Deus violento ao qual estão relacionadas muitas crueldades e carnificinas, “é um catálogo de crueldades, e o pior da natureza humana”, e que ao lermos certas passagens da Bíblia deveríamos pedir para as crianças saírem da sala². A violência e a incitação a atos de violência fazem parte de textos que ao longo da história de Israel serão considerados sagrados e instituídos como palavras de Deus. Teologicamente a caminhada de Israel vai do politeísmo ao monoteísmo, “da pluralidade à singularidade” (REIMER, 2009). Porém o movimento em direção ao monoteísmo acontece ou sob o patrocínio ou em aliança com o poder político e carrega alto grau de violência, estando quase sempre associado a um projeto de concentração de riqueza e poder, de dominação, e tendo uma função importante de legitimação (SMITH, 2001; 2006).

No início, a religião oficial do rei Davi e de sua dinastia (c. 1000 a.C.)

Os primeiros passos na direção do monoteísmo talvez tenham sido dados por Davi, que, ao tornar-se rei após uma série de mortes (1Sm 22-2Sm 5) e em condições muito suspeitas (2Sm 16,5-8), leva um dos principais símbolos religiosos das tribos da região montanhosa central de Israel, a arca, para dentro das muralhas de Jerusalém (2Sm 6,1-23). No

² SARAMAGO, J. “**Caim**” coloca Deus em diálogo directo com o primogénito de Adão e Eva. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UZXFn07dTE&feature=Related>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

entanto, o grande número de guerreiros, necessários para tomar a arca das tribos de Benjamim e Efraim, pode ser exagerado: “toda a elite do exército de Israel: trinta mil homens” (2Sm 6,1), serve para revelar parte da violência e da imposição implicada no ato. Após esses acontecimentos, a divindade conhecida com *YHWH dos Exércitos* (*YHWH Sebaot*), associada à arca, passa a ser o Deus do rei e da monarquia davídica, e o culto a YHWH dos exércitos passa a ser uma espécie de culto oficial.

Isto se torna visível nos vínculos entre a narrativa da luta de Davi e Golias (1Sm 17,1-18,5) e a chamada narrativa da arca (1Sm 4,1b-7,1). Esses textos apresentam uma série de conexões tradicionais e textuais que permitem supor que tenham sido parte de uma redação anterior ao período de Ezequias e Josias (DIETRICH, 2006). A divindade comum às duas narrativas é YHWH dos Exércitos. E, assim como em 1Sm 4 YHWH do Exércitos é representado pela arca, em 1Sm 17 é Davi quem representa YHWH dos Exércitos.

Em 1Sm 4,4 a arca é chamada “arca da aliança de YHWH dos Exércitos, o entronizado sobre os querubins” (também em 2Sm 6,2). Em 1Sm 17,45 Davi se apresenta para o combate “em nome de YHWH dos Exércitos”. Finalmente, em 2Sm 6,18, Davi abençoa o povo em nome dessa divindade após estabelecer a arca em Jerusalém³.

A simbologia nos textos também atesta essa relação. Em 1Sm 17,49 Golias, representando os filisteus e seu Deus (1Sm 17,43) cairá diante de Davi com sua “face para a terra” — exatamente como em 1Sm 5,3 e em 5,4 o Deus filisteu, *Dagon*, cai diante da arca. Os sacerdotes e escribas da dinastia davídica representam, assim, a presença de YHWH dos exércitos em Davi.

O anacronismo de 1Sm 17,54, que diz que Davi levou a cabeça de Golias para Jerusalém — que só será conquistada anos mais tarde (2Sm 5,6-10) —, além de testemunhar a antiguidade da narrativa, reforça a ligação entre as duas narrativas e a constituição de uma religião oficial, a

³ Além das passagens já citadas, na chamada Obra Histórica Deuteronomista (que compreende os livros Deuteronômio, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel) o nome YHWH *Sebaot* é ainda usado em 1Sm 1,3.11 ligado ao santuário de Silo, em 2Sm 5,10, quando Davi já se encontra em Jerusalém, e em 2Sm 7,8.26.27; e é usado também em 1Rs 18,15; 19,10,14.31; 2Rs 3,14; e provavelmente também no texto corrompido de 2Rs 19,31.

religião do rei, possivelmente já com Davi ou nos inícios de sua dinastia em Jerusalém.

Porém, possivelmente YHWH tinha como sua jurisdição específica a organização dos guerreiros e as batalhas em defesa das colheitas, das terras e da vida dos camponeses das aldeias (cf. Ex 14,14. 24-25. 27; 15,2-3; Dt 1,30; Jz 4,14-15; 1Sm 4,3-6; 14,6; 17,47, etc.). Seus rituais deviam envolver um tipo de aliança ou compromisso, no qual quem ficava nas aldeias se comprometia a cuidar dos órfãos e das viúvas dos defensores que viessem a morrer. A partir desse núcleo básico, YHWH pode ter se tornado também o garantidor das relações éticas de justiça e solidariedade (Ex 22,20-26; Dt 10,18-19; 24,10-22; 27,19; Sl 146,9; Is 1,17; Jr 7,6). Embora certamente YHWH tivesse algum altar com destaque e algum culto especial nas estruturas urbanas vinculadas à monarquia davídica, nessa época ele era adorado ao lado de outras divindades que atuavam nas outras áreas da vida, como *Baal*, responsável pelas chuvas e pela fertilidade dos campos, *El* e *Asherá* e outros, responsáveis pela fertilidade das mulheres e dos animais (SMITH, 2006, p. 131-226). Mas a colocação de YHWH como Deus do rei, da casa davídica, é o primeiro passo no processo que terminará com YHWH sendo concebido como o Deus único para todo universo e para todos os povos. A ambiguidade aqui se manifesta no fato de Davi conduzir lutas de libertação das tribos da Palestina central contra o avanço dos Filisteus que as exploravam (1Sm 13-14; 2Sm 5,17-25), porém, ao encerrar a arca dentro dos muros da cidade por ele controlada, YHWH dos exércitos passa a ser usado para legitimar seus projetos e o peso social da estrutura monárquica, que vai ganhando corpo com seu governo.

As reformas de Jeú/Eliseu, Joiada, Ezequias e Josias

Muito mais significativa para esse processo, no entanto, será a série de reformas político-religiosas efetivadas posteriormente pelas monarquias de Israel e de Judá. Embora não exista conclusão definitiva sobre o alcance e a profundidade dessas reformas, sem dúvida elas avançam na direção da instituição do monoteísmo.

A reforma de Eliseu e Jeú: YHWH, Deus oficial de Israel (841-814 a.C.)

No reino do norte, Israel, a dinastia de Amri (845-841 a.C.), que a partir de uma aliança com os fenícios parece ter adotado *Baal* e *Asherá* como divindades oficiais (1Rs 16,31-33; 18,19; 2Rs 10,25-27), será exterminada no contexto de uma guerra com a Síria e num golpe militar desfechado pelo profeta Eliseu e por Jeú, um dos comandantes do exército de Amri. A narrativa esmiúça os vários massacres, que culminam com a destruição do santuário de *Baal*, das imagens de *Baal* e de *Asherá*, e a instituição de YHWH como Deus oficial também em Israel (2Rs 9,1-10,31). É preciso notar, porém, que essa reforma deve ter se restringido ao santuário oficial na Samaria e talvez alcançado também os santuários de Betel, Guilgal e Dã (Am 4,4; 5,5; 7,10-13; 8,14), espaços controlados pelo rei. Nada se diz a respeito dos outros santuários tribais e dos cultos populares nas aldeias, onde certamente *Asherá* e *Baal* continuavam sendo cultuados ao lado de YHWH, das divindades familiares (*Elohim*) e de muitas outras divindades e com muitas imagens.

A reforma do sacerdote Joiada: Baal é excluído de Jerusalém (835 a.C.)

Simultaneamente à ação de Jeú e Eliseu no reino do norte, é realizada uma reforma no sul, no templo de Jerusalém (2Rs 11,17-20, cf. 2Cr 23,1-24,16), embora esta também envolva violência, ainda que em menor grau. Atalia era filha de Amri e mãe de Ocozias (2Rs 8,25-26), o rei de Judá morto na reforma de Jeú. Como Rainha Mãe (no hebr. *gebiráh*, cf. 1Rs 15,13), Atalia exterminou os filhos sucessores de Ocozias e reinou em Judá por seis anos (2Rs 11,1-3). Esse curto reinado da única mulher e única pessoa não descendente de Davi que ocupou o trono de Jerusalém em cerca de 400 anos terminou num golpe organizado por Joiada, sacerdote chefe de Jerusalém (cf. 2Rs 12,8), com os guardas do templo e com o “povo da terra” (grandes proprietários de terras que apoiavam política, militar e financeiramente a dinastia de Davi, 2Rs 11,14.18.19.20; cf. 16,15; 21,24; 23,15.20; 25,19). Joiada e o “povo da terra” também destroem o templo e os altares de *Baal* em Jerusalém, matam Matã, o sacerdote de *Baal*. Parece ter havido uma aliança em que o rei

e o povo da terra comprometiam-se a ser povo de YHWH. Sua ação, no entanto, não deve ter ido muito além do templo ou dos arredores do templo de Jerusalém. É um prelúdio das reformas que serão empreendidas por Ezequias e Josias em territórios mais amplos (LOWERY, 2004).

A reforma de Ezequias (716-687 a.C.)

Pouco antes de Ezequias assumir o poder em Jerusalém, a Assíria conquistou o reino de Israel e destruiu Samaria (722 a.C.). O império assírio seguirá crescendo por mais algumas décadas até incluir parte do Egito. No entanto, com o império assírio dominando todas as regiões importantes ao seu redor, Ezequias busca manter Judá como um reino independente. Sua reforma situa-se nesse contexto de resistência: Ezequias prepara-se para uma guerra com o exército assírio, amplia o fornecimento de água cavando na rocha um canal de pouco mais de 500 m, que hoje é chamado de “o túnel de Ezequias”, e leva água da fonte de Gion para dentro de Jerusalém (2Rs 20,20; 2Cr 32,30; Eclo 48,17; Is 22,11). Também aumenta a área da cidade, para que ela possa acolher tanto fugitivos do reino de Israel (722 a.C.) como os nobres das 46 cidades dos arredores de Jerusalém (cf. 2Cr 30,18.25; 2Rs 22,14)⁴, que foram saqueadas por Senaquerib em 701 a.C. (2Rs 18,13; 2Cr 32,1,). Ele também reforça o tamanho e a espessura das muralhas que cercavam a cidade de Jerusalém (2Cr 32,5; Is 22,9-10).

É neste contexto de forte preparação militar que se dará uma importante modificação teológica em Judá. Ezequias faz o reino de Judá adorar somente a YHWH e centraliza seu culto em Jerusalém. É para lá que, a partir daquele momento, deveriam ser levadas todas as oferendas que anteriormente eram feitas fora de Jerusalém. Todos os santuários e cultos fora de Jerusalém foram proibidos, fossem eles dedicados a “outros

⁴ Nesse período, em menos de 20 anos a área cercada por muralhas em Jerusalém passou de 5 hectares (50.000 m²/0,05 Km²) para 60 hectares (600.000 m²/0,6 km²), e a população que vivia em seu interior passou de 1.000 ou 2.000 para 15.000 habitantes (cf. FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 29-331; LIVERANI, 2008, p. 195-199). Uma avaliação divergente, com números maiores, é apresentada por SCHNIEDEWIND (2011, p. 98-106). Porém, esse autor parece superestimar a produção escrita em Jerusalém no tempo de Ezequias.

Deuses”, às Deusas, ou mesmo a YHWH. Todos os santuários e locais de culto (os “lugares altos”) fora de Jerusalém foram condenados e destruídos. Todos os outros Deuses e Deusas e suas respectivas imagens foram destroçados e proibidos. A ideia é que para ter a proteção de YHWH contra o poderoso império assírio, Judá deveria fazer uma aliança de adoração exclusiva a YHWH, ser o povo de YHWH, para que YHWH seja o Deus de Judá (2 Rs 18,3-6; 2Cr 29,1-31,1).

Como visto anteriormente, YHWH, no mundo politeísta vigente até então, era provavelmente a divindade que patrocinava, guardava e dirigia os guerreiros encarregados da defesa armada das vilas camponesas. Desde Davi era também o Deus do rei, da dinastia davídica. Com Ezequias YHWH passará a ser o Deus nacional de Judá. No entanto, para ser a divindade nacional, a única divindade de Judá, sua jurisdição tem de abarcar todas as áreas da vida. YHWH será então identificado com as divindades clônicas, familiares, chamadas genericamente de *Elohim*, e também com *El*, o grande Deus supremo do panteão cananeu (Dt 10,17). Assim, os cultos oficiais passam a atribuir a YHWH tanto as funções dos *Elohim* e de *El*, como também as de *Baal*, de *Asherá*, de *Astarte* e de muitas outras divindades que foram banidas (Dt 28,1-68; cf. 7,12-16; 11,13-17; Ex 12,1-13,16). Com isso, funções anteriormente atribuídas a outras divindades, como a fertilidade das mulheres, dos animais e seus primogênitos, a fertilidade e as primícias dos campos, a chuva, o amor, a saúde, a doença, a morte etc. paulatinamente são transferidas a YHWH (cf. Gn 20,18).

Essa tremenda centralização religiosa tem como objetivo a centralização de todas as oferendas em Jerusalém. Sacrifícios e oferendas que antes estavam dispersos em centenas de locais sagrados agora eram todos direcionadas a Jerusalém. Com isso, Ezequias visa a estocar mantimentos e obter produtos para comercializar e angariar recursos para suas obras, equipar seu exército e fortalecer suas defesas (2Cr 31,4-12). Porém, a centralização religiosa foi feita, como sempre acontece, com muita imposição e violência (2Rs 18,4.22; Is 36,7; 2Cr 30,13-14; 31,1), e como uma série de textos da chamada Obra Histórica Deuteronomista (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), do Pentateuco e de vários livros dos profetas tiveram sua redação iniciada nessa época, o rosto deste YHWH oficial — violento, exclusivista, centralizador, homogeneizador e intolerante — ficou gravado na Bíblia.

A reforma de Josias (640-609 a.C.)

O que Ezequias fez em Judá, Josias sonhou fazer em todo Israel. Josias assume o poder quando a Assíria, em decadência, é expulsa do Egito e se retira da Palestina. A reforma centralizadora de Josias segue a inspiração e a pauta da reforma de Ezequias. Porém, Josias sonha estender o poder de Jerusalém, da casa de Davi, abarcando além de Judá também o território do antigo reino do norte. Nos textos do Pentateuco e dos Livros Históricos redigidos nessa época, Josias projeta o ideal das 12 tribos unidas, adorando a um só Deus, seguindo a um só homem, em aliança com YHWH. Assim Moisés, Josué, os Juízes, Samuel, Saul e Davi são mostrados numa linha sucessória estabelecida por YHWH, sempre realizando o papel que Josias sonha executar: um só líder comandando as 12 tribos unidas em um só povo e um só reino, e todos adorando somente a YHWH, e somente em Jerusalém. A reforma de Josias veio após o longo reinado de Manassés, que foi completamente submisso à Assíria. Manassés certamente reestabeleceu o culto às divindades que haviam sido banidas por Ezequias e ainda permitiu o culto às divindades assírias em Jerusalém e em Judá (2 Rs 21,1-17). Com Josias, YHWH passa a ser “o Deus de Israel”. Para realizar seu sonho de construir um pequeno império, projetado na mítica imagem do império davídico-salomônico criada pelos seus escribas e sacerdotes⁵, Josias terá de enfrentar o faraó, que também planejava assumir o controle sobre o espaço vazio deixado pelos assírios em retirada.

Como Josias tinha mais condições políticas e militares de promover sua reforma e integrar em seu domínio político o reino do norte — algo que o poder assírio em seu ápice não permitiu a Ezequias — sua ação certamente tem um componente de violência maior (2 Rs 23,4-23; 2Cr 34,3-7). A ampliação do domínio político sobre as terras e tribos do norte, a violência contra os santuários, os Deuses e Deusas cultuadas há séculos, a violência contra seus sacerdotes, suas sacerdotisas (2 Rs 23,5-7.14.16.20) e seus seguidores necessita de uma justificativa forte e muito bem elaborada. Com essa função, grande parte do atual Pentateuco, dos livros da

⁵ Divergindo da interpretação apresentada por William M. SCHNIEDEWIND, citada na nota anterior.

Obra Histórica Deuteronomista, dos livros dos profetas pré-exílicos e de Provérbios e Salmos foram redigidos de modo a dar suporte teológico e legitimação religiosa para a ação de Josias.

Muitos textos de Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio e dos Livros Históricos, que trazem YHWH ordenando que sejam mortos os cananeus, que seus templos, Deuses e imagens sejam totalmente destruídos, provavelmente foram redigidos nessa época, como Dt 13, o livro de Josias, etc. Esses textos inscrevem no passado uma ordem dada por YHWH (a partir do “livro da Lei”, “descoberto” no templo, provavelmente Dt 12-26 ampliado) que nunca teria sido seguida pelo povo de Israel, mas que agora Josias estava decidido a implantar, com apoio de YHWH (2Rs 23,1-3).

Nesses textos transparece toda a ambiguidade da teologia oficial dessa época. Como o principal adversário político de Josias é o faraó do Egito, YHWH será mostrado como o Deus do Êxodo: “Eu sou YHWH teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,1). E o êxodo será descrito como uma luta entre o faraó, com seus Deuses e seu exército (Ex 12,12; 14,25-28; 15,1-11), e YHWH e “os filhos de Israel”, as 12 tribos unidas, sob o comando de um só homem, em aliança com YHWH (Ex 6,1.6-7; 7,4-5; 8,6; 10,1-2). Usa-se e reforça-se o sagrado rosto de YHWH, como um Deus libertador, defensor da vida dos oprimidos, e a teologia forjada desde a Antiguidade no culto dos camponeses encarregados da defesa armada de suas colheitas, sua liberdade e de suas vidas, que emana de uma das mais belas passagens da Bíblia: “YHWH disse: eu vi, eu vi, a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3,7-8a; cf. 2,23-25; 6,5; At 7,34). Mas essa teologia e o sagrado rosto do YHWH que defende e promove a vida são postos a serviço do projeto de dominação de Josias e usado para justificar toda a violência necessária para sua efetivação: a “terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” que YHWH promete para o seu povo é a terra dos “cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus” (Ex 3,8b), e esses povos devem ser exterminados! YHWH mesmo vai ajudar a exterminá-los (Ex 23,23-33). Esses povos deverão ser excluídos, desterrados, atacados e mortos ou escravizados por

quê? Somente porque adoram a outros Deuses, possuem imagens, cultuam suas divindades de formas e modos diferentes daquele que Ezequias e Josias estão estabelecendo em suas reformas centralizadoras da religião, segundo seus objetivos econômicos, políticos e militares.

Dêutero-Isaías: o rosto libertador do monoteísmo

As reformas de Jeú, Joiada, Ezequias e Josias avançam para a monolatria, ou henoteísmo: adorar a um só Deus, porém, reconhecendo a existência de outros Deuses, como Ex 20,3; 22,19; Dt 10,17; Js 22,22; 95,3; 96,4; 135,5; 136,2-3. Ainda não se chegou ao monoteísmo, que é a crença de que só existe um Deus, não admitindo a existência de qualquer outra divindade. Tal teologia só será alcançada entre os exilados da segunda deportação (587 a.C.), na Babilônia, por volta dos anos 550 a.C.⁶ O Dêutero-Isaías (Is 40-55) elaborado por esse grupo encontra-se recheado de afirmações como estas: “[...] eu sou: antes de mim nenhum Deus foi formado, e depois de mim não haverá nenhum. Eu, eu sou YHWH, e fora de mim não há nenhum Salvador.” (Is 42,10-11) Ou: “Assim diz YHWH, o rei de Israel, YHWH, Deus dos exércitos, o seu redentor: eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus.” (Is 44,6); “Eu sou YHWH, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus” (45,5).

Em Is 40-55 estão as afirmações monoteístas mais antigas da Bíblia Hebraica⁷. Por trás desse escrito estão os grupos de exilados da segunda deportação, muitos deles eram levitas do interior. Na luta contra a opressão imperial, começam a afirmar que as Deusas e os Deuses babilônicos, que apoiavam e legitimavam a violência, a escravidão e a opressão, não

⁶ Podem ter recebido influências do Mazdeísmo propagado pelo profeta Zaratustra (em gr. Zoroastro), instituído como religião oficial persa mais ou menos nessa mesma época, que também propõe a existência de um único Deus: Ahura Mazda. Ahura Mazda, a divindade única responsável pelo bem, tem um adversário, o Deus Harimã, responsável pelo mal e pelo caos. Embora por isso o Zoroastrismo seja melhor qualificado como “monoteísmo dualista”, há diversos pontos de contato com judaísmo, cristianismo e islamismo: possui um livro sagrado revelado, Zend-Avesta, anuncia a vinda de um Messias nascido de uma virgem, e crê num juízo final.

⁷ As afirmações monoteístas encontradas em páginas ou livros anteriores a Is 40-55, como Dt 4,35.39; 32,39, são provavelmente marcas de releituras exílicas ou pós-exílicas, nas quais a própria linguagem revela seu vínculo com o texto de Is 40-55.

são Deuses. As divindades babilônicas opressoras e suas imagens na verdade nada são (Is 44,9-20). Dessa forma começam a estabelecer a concepção monoteísta da fé de Israel (Is 43,10-13; 44,6-8; 45,5-6.21; 46,9;). Revela-se aqui o coração sagrado e libertador do monoteísmo: a única divindade classificada pelos exilados como verdadeira é a que está junto aos oprimidos em luta contra a opressão. O critério para estabelecer a divindade verdadeira é mais a função exercida pela divindade do que o seu nome, suas características ou forma de culto. Como em Ex 3,14, a verdadeira divindade é definida mais por sua presença e ação solidária junto aos oprimidos do que por um nome ou por uma forma de culto. “EU SOU”, eu sou o que sou para vocês, eu sou o que serei, o que estou sendo, presença solidária e libertadora junto a vocês. Na sua resistência e luta por liberdade e dignidade, os exilados contam as histórias antigas acrescentando essas releituras e nelas refundam forças para manter acesa a esperança da libertação e do retorno à terra de Judá.

No pós-exílio: Monoteísmo e violência em nome de Deus

Essas releituras, no entanto, consolidam-se nos escritos bíblicos somente após o retorno dos exilados, a partir de 530 a.C., quando o rei Ciro da Pérsia derrotou o império Babilônico e libertou os exilados, e principalmente entre 515 e 400 a.C., quando os persas apoiaram a reconstrução do Templo, das muralhas e da cidade de Jerusalém, com o envio de Neemias e do sacerdote Esdras.

No conflito que se estabelece com a volta dos exilados — que encontram os latifúndios de seus antepassados ocupados há mais de 50 anos pelos camponeses remanescentes aos ataques Babilônicos (KIPPENBERG, 1988) —, parte dos exilados, buscando reaver sua condição de latifundiários e nobres, fez uso de muitas das intuições e instituições libertadoras criadas no exílio para menosprezar, condenar e excluir os camponeses remanescentes na terra de Judá.

Entre os anos de 450 e 400 a.C., os sacerdotes, organizados a partir do novo Templo, foram confirmados como intermediários entre o povo e o império persa, e com o transformação da Judéia em uma província

persa, os sacerdotes passaram a exercer o poder em nome de Deus. Esse governo teocrático impôs nova concepção de Deus, de povo de Deus e de pecado. YHWH era então considerado como Deus único e universal (Dt 4,39; 1Rs 8,60).

Porém, os elementos libertadores, que constituíam a sacralidade do monoteísmo nascido na resistência à escravidão do exílio, foram substituídos por uma sacralidade ligada ao nome da divindade, a um lugar sagrado, a um conjunto de determinados rituais e leis e a uma hierarquia sacerdotal bem definida. O nome era tão sagrado que só podia ser pronunciado pelo sumo sacerdote, num ritual realizado uma só vez por ano (Lv 16). O templo, casa dessa divindade, era considerado o lugar mais sagrado do país, com espaços exclusivos aos sacerdotes. Qualquer outra pessoa que adentrasse esses espaços era punida com a morte (Ex 19,13; Nm 1,51; 3,10; 2Cr 23,19). Faltas rituais eram também punidas com a morte (Lv 20,1-21; 23,29-31; 24,10-23; Ex 19,12; 31,14-15; Nm 15,32-36; 25,1-18) ou com a exclusão (Lv 10,11; 11,24-28.31-45; Mc 2,15-17). A pureza racial e ritual tornou-se o critério básico para definir quem pertencia ou não ao povo de Deus. E o pecado era então definido pelas leis de pureza e impureza, conforme o livro do Levítico. É nesse processo, aliás, que o Pentateuco — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio — recebe a forma que tem hoje em nossas Bíblias. Esses livros foram promulgados como sagrados pelas autoridades do segundo Templo e impostos como lei de Deus — e do rei — com apoio dos persas (Esd 7,25-26). A desobediência a essas leis poderia ser “castigada rigorosamente; com a morte ou o desterro, com multa ou prisão”.

E Jesus? E o cristianismo?

Jesus com certeza herdou de seu povo uma concepção monoteísta de Deus. Porém, certamente não era a concepção definida pela teologia oficial de seu tempo, embasada tanto na teologia centralizadora de Ezequias e Josias, como no monoteísmo legitimador da exclusão e justificador de violências, hierarquias e privilégios dos sacerdotes do segundo templo. Essa era, na realidade, a teologia das pessoas que oficialmente

condenaram Jesus à morte, ou apoiaram essa condenação, e que nas décadas seguintes perseguiram e excluíram parte dos primeiros seguidores e seguidoras de Jesus.

No entanto, hoje a ambiguidade representada pelo paradoxo dos atos de discriminação, intolerância e violências cometidos por cristãos em nome de Jesus deveria levá-los a uma profunda reflexão e a uma reavaliação das raízes intolerantes desse cristianismo. Pois as violências praticadas hoje por grupos cristãos, em nome do evangelho de Jesus, revelam que no decorrer da história do cristianismo aconteceu uma grande perversão. É isso que se pode concluir da existência de grupos e pessoas cristãs que patrocinam, incitam e apoiam atos discriminatórios e violentos. Transformações ao longo dos anos terminaram por colocar na boca de Jesus a teologia das pessoas que o condenaram. O monoteísmo que legitimou a condenação de Jesus tinha características semelhantes a esse monoteísmo trinitário cristão que promove ou aceita calado atitudes discriminatórias, intolerantes e violentas contra partes das culturas e das religiões dos povos africanos e afrodescendentes, dos povos nativos das Américas, e muitas outras etnias e religiões diferentes. Esse mesmo monoteísmo exclusivista e homogeneizador manifesta-se também em posturas violentas e na militância de grupos cristãos contra o reconhecimento dos Direitos Humanos das pessoas que mantêm ou desejam manter relacionamentos homoafetivos, ou combatendo as propostas que visam a reconhecer os direitos de tais pessoas a viverem suas orientações ou opções sexuais.

Tais teologias afastam-se muito da teologia de Jesus. Formaram-se certamente nos séculos seguintes à morte de Jesus, quando uma corrente do cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano. Nessa situação se fortaleceram as tendências centralizadoras, hierarquizadoras, homogeneizadoras e exclusivistas dentro do cristianismo nascente para que este pudesse cumprir o papel designado não por Jesus, mas, sim, pelos objetivos e desejos do Império Romano e de seus aliados (FÜRST, 2009). A colonização desse cristianismo ainda será alimentada e aprofundada depois do império Bizantino pelo papel do cristianismo no

império colonial Britânico, no império Espanhol, no império Português e também no domínio imperial norte-americano.

Considerações finais

Uma leitura histórica e descolonizadora (DIETRICH, 2010, p. 11-21) talvez possa resgatar esse núcleo sagrado do judaísmo e do cristianismo, núcleo este parcialmente soterrado sob a grande carga de imperialismo, legalismos e ritualismos embutidos nos monoteísmos oficiais. Uma releitura em perspectiva ecumênica e inter-religiosa pode superar as práticas colonialistas e imperialistas e a compreensão exclusivista e homogeneizadora associadas ao monoteísmo cristão, e saberá reconhecer que em todas as religiões existe um núcleo sagrado direcionado à promoção e à defesa da vida, à prática do amor. Esse núcleo confere igual dignidade às religiões de todos os povos e a todas as pessoas, e certamente seria de grande contribuição para a ampliação e o reconhecimento de nossa noção de Direitos Humanos.

No entanto, a presença de muitas guerras e atitudes de discriminação, intolerância e violências em nome de Deus, ainda tão presentes em nossos dias e em nossa sociedade, tão abundantemente marcada por nomes e símbolos cristãos, igrejas, cultos e celebrações, ao mesmo tempo em que revela a necessidade urgente de tais releituras, revela também que ainda estamos muito longe delas. A indiferença — quando não o incitamento — vigente em muitas das igrejas, aliada à indiferença frente às injustiças e às ainda escandalosas diferenças sociais que caracterizam nossa nação, o individualismo insensível que se revela na oposição e no combate a políticas de ordem compensatória e distributivista, e a intolerante e antidemocrática beligerância contra políticas de Direitos Humanos, mostram que longe de um “Reino de Deus”, estamos mergulhados no reino das ambiguidades, que sacralizam interesses, hierarquias, concentração de poder e riqueza, muitas vezes legitimando-se com teologias e discursos pretensamente defensores e promotores da vida.

Referências

BINGEMER, M. O Deus da vida e as religiões do Livro. Os monoteísmos: fonte de violência? In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER. (Org.). **Deus e vida**: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 89-128.

DIAS, Z. **Os vários rostos do fundamentalismo. Fórum Ecumênico Brasil**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

DIETRICH, L. Davi e Golias e a atual discussão sobre a história de Israel. In: REIMER, H.; SILVA, V. da (Org). **Hermenêuticas bíblicas**: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG/ABIB, 2006. p. 129-135.

DIETRICH, L. Em espírito e verdade – descolonizar a bíblia e o cristianismo. **Estudos Bíblicos**, v. 2, n. 106, p. 11-21, 2010.

DIETRICH, L. Quando Deus faz mal e mata. **Estudos Bíblicos**, v. 29, n. 116, p. 11-27, 2012.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa, 2003.

FÜRST, A. A ética da paz e a disposição à violência: sobre a ambivalência do monoteísmo cristão em seus primórdios. In: FÜRST, A. (Org.). **Paz na terra? As religiões universais entre a renúncia e a disposição à violência**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. p. 65-125.

GERSTENBERGER, E. **Teologias do Antigo Testamento**: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

KIPPENBERG, H. G. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**: estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social. São Paulo: Paulinas, 1988.

LIVERANI, M. **Para além da Bíblia**: história antiga de Israel. São Paulo: Loyola, 2008.

LOWERY, R. H. **Reis reformadores**: culto e sociedade no Judá do primeiro templo. São Paulo: Paulinas, 2004.

O'BRIEN, M. A natureza do monoteísmo bíblico: experiência e ideologia. **Concilium. Revista Internacional de Teologia**, v. 1, n. 289, p. 69-77, 2001.

OLIVEIRA, I. V. de.; PAIVA, M. A. de. (Org.). **Violência e discurso sobre Deus**: da desconstrução à abertura ética. Belo Horizonte: PUCMinas, 2010.

PACE, E.; STEFANI, P. **Fundamentalismo religioso contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2002.

REIMER, H. **Inefável e sem forma**: estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. UCG, 2009.

REIMER, I. R. (Org.). **Direitos humanos**: enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SARAMAGO, J. **“Caim” coloca Deus em diálogo directo com o primogénito de Adão e Eva**. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=UZxFXn07dTE&feature= Related](http://www.youtube.com/watch?v=UZxFXn07dTE&feature=Related)>. Acesso em: 16 ago. 2013.

SCHNIEDEWIND, W. M. **Como a Bíblia tornou-se um livro**: a textualização do antigo Israel. São Paulo: Loyola, 2011.

SILVA, J. da. **Guia de luta contra a intolerância religiosa e o racismo**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SMITH, M. S. **The origins of biblical monotheism**: Israel's polytheistic background and the Ugaritic texts. New York: Oxford University Press, 2001.

SMITH, M. S. **O memorial de Deus**: história, memória e experiência do divino no antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

SWIDLER, L. Direitos humanos: apanhado histórico. **Concilium. Revista Internacional de Teologia**, v. 2, n. 228, p. 21-32, 1990.

ZENGER, E. Violência em nome de Deus: o preço necessário do monoteísmo Bíblico? In: FÜRST, A. (Org.). **Paz na terra? As religiões universais entre a renúncia e a disposição à violência**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. p. 15-63.

Recebido: 21/11/2013

Received: 11/21/2013

Aprovado: 06/08/2014

Approved: 08/06/2014